

***DESERT SOLITAIRE, DE EDWARD ABBEY: INTERPRETAÇÕES
GEOLITERÁRIAS DAS PAISAGENS DO DESERTO DE MOAB, UTAH,
ESTADOS UNIDOS***

***DESERT SOLITAIRE, BY EDWARD ABBEY: GEOLITERARY
INTERPRETATIONS OF MOAB DESERT LANDSCAPES, UTAH,
UNITED STATES***

Regina Barbosa Tristão

Mestranda em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), na Universidade Estadual de Goiás - Cora Coralina, Cidade de Goiás-GO.

reginatristaoprojeto@hotmail.com

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves

Doutor em Geografia. Realiza estágio de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor dos cursos de Graduação em Geografia (UEG – Iporá) e Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI – UEG Cora Coralina) e Geografia (PPGEO – UEG Cora Coralina).

ricardo.goncalves@ueg.br

RESUMO: Este artigo objetiva estabelecer um diálogo entre a Literatura e a Geografia, por meio de uma investigação das paisagens do *Arches National Monument*, no deserto de Moab, na região de Utah, Estados Unidos. As imagens e as representações do espaço foram analisadas a partir do relato autobiográfico *Desert Solitaire: a Season in the Wilderness*, de Edward Abbey, com foco nos distintos componentes naturais e culturais da vida do deserto. Foi abordado, também, o possível futuro dos monumentos nacionais estadunidenses frente à decisão do presidente Donald Trump de destinar essas áreas de preservação para fins econômicos.

Palavras-Chaves: *Wilderness*. Paisagem. Literatura. Geografia. Cultura.

Abstract: This article aims to establish a dialogue between Literature and Geography, through an investigation of the *Arches National Monument* landscapes, Moab desert, region of Utah, United States. The images and representations were analysed from the autobiographical narrative *Desert Solitaire: A Season in the Wilderness*, by Edward Abbey, focusing on the distinct natural and cultural components of desert life. It was also addressed about the US national monuments possible future facing President Donald Trump's decision to allocate these preservation areas for economic purposes.

Keywords: *Wilderness*. Landscape. Literature. Geography. Culture.

Introdução

O diálogo entre Geografia e Literatura alarga o campo de interpretação do espaço, das paisagens e dos lugares urdidos pela existência humana. A literatura amplia o léxico das leituras geográficas do espaço – conteúdo da vida social – e adentram o vasto continente da imaginação, sonhos, emoções, identidades e subjetividades. Ainda, ao aproximar-se da literatura, o saber e o fazer geográficos exploram com profundidade o mundo social, as contradições e os conflitos acentuados pela sociedade de classes.

Segundo Marandola (2010, p. 9), a aproximação entre Geografia e Literatura estabelece uma relação de conhecimentos compreendida além da descrição de paisagens e de espaços. Ela se refere ao entendimento das relações sociais e culturais salientadas pela espacialidade (a relação do corpo do indivíduo e o meio ambiente) e a geograficidade (condição espacial da existência do homem em qualquer sociedade).

Chaveiro (2015), por seu turno, afirma que o diálogo entre Geografia e Literatura permite entrelaçar o mundo do conceito, próprio do fazer acadêmico e científico, ao mundo da experiência humana palmilhada no espaço. “No logro da experiência humana pode-se conceber o que é crucial no trabalho da narrativa literária: a dramaticidade da vida e os seus contornos semióticos infinitos” (CHAVEIRO, 2015, p. 41).

Sendo assim, no presente artigo, propomos o diálogo entre Geografia e Literatura com base na análise do relato autobiográfico *Desert Solitaire: a Season in the Wilderness*, de Edward Abbey, que descreve a vida do deserto e as experiências do autor, que passou duas temporadas como guarda-florestal, no *Arches National Monument*, em Moab, região de Utah, Estados Unidos.

Edward Abbey viveu parte da sua vida no Oeste dos Estados Unidos e conheceu as regiões desérticas de *Four Corners* antes do alistamento obrigatório militar. A sua afinidade com a “natureza selvagem” tem origem na infância e se estendeu ao longo da vida. As experiências no deserto e o ativismo ambiental do autor resultaram na publicação de mais de 20 livros, entre ficção e não ficção, em especial, *Desert Solitaire*, lançado em 1968.

Posto isso, além desta introdução, o texto está dividido em três partes e as considerações finais. A primeira parte dialoga com as conexões entre literatura, estudos ecocríticos e as possibilidades de interpretações geoliterárias do espaço. Demonstramos as

Building the way

contribuições da literatura ao adentrar em narrativas que tocam problemas ambientais que implicam a humanidade. Na segunda, o texto aborda o livro *Desert Solitaire* e as interpretações das paisagens desérticas de Moab, em Utah nos Estados Unidos, com foco nas descrições realizadas por Edward Abbey dos elementos naturais e dos efeitos predatórios da apropriação humana do deserto. A terceira parte problematiza os riscos das novas estratégias de apropriação do deserto por atividades como a mineração. Por fim, nas considerações finais retomamos os pontos centrais da pesquisa apresentada no texto e da importância do diálogo entre Geografia e Literatura.

Literatura e estudos ecocríticos: diálogos geoliterários

Promover o encantamento por meio da palavra é uma das definições atribuídas à função da literatura. Com efeito, inesgotáveis são as tentativas de se fixar a sua aplicação, mas o que não se pode negar é que, através da linguagem, a literatura torna a narrativa diferenciada com multiplicidades de interpretações, posto que é por intermédio dela que a fantasia e a ficção são manifestas. Eagleton (2006, p. 1) alude para o fato de a literatura ser “a escrita ‘imaginativa’, por meio da ficção”. Segundo o autor, este conceito, não é útil, pois se é “fato” ou “ficção” não colabora para a elucidação da palavra, uma vez que, historicamente e artisticamente, essa definição é questionável. A exemplo disso, a língua inglesa, final do século XVI e início do XVII, registrou o termo “*novel*” tanto para falar de histórias fictícias quanto notícias de jornal.

A inepta acepção da palavra sugere que a abordagem sobre a sua definição seja articulada de outra maneira (EAGLETON, 2006). Ao observarmos os dizeres na literatura, percebemos que a tessitura do texto é feita com uma linguagem particular, especial. Conforme a teoria de Eagleton (2006, p.3):

[...] a literatura é a escrita que, nas palavras do crítico russo Roman Jakobson, representa uma “violência organizada contra a fala comum”. A literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana. Se alguém se aproximar de mim em um ponto de ônibus e disser: “Tu, noiva ainda imaculada da quietude”, tenho consciência imediata de que estou em presença do literário.

Essa definição foi apresentada pelos formalistas russos, entre eles, Vítor Sklovski, Roman Jakobson, Osip Brik, Yury Tynyanov, Boris Eichenbaum e Boris Tomashevski, que acreditavam que a literatura tinha suas formas, estruturas e mecanismos e que não poderia ser reduzida a um “veículo de ideias” e nem a “uma verdade transcendental”. Conforme os formalistas, a literatura era um fato material, feita de palavras com a função de expressar os pensamentos do autor (EAGLETON, 2006, p. 4). Eles não negavam que a arte tinha uma relação com a realidade social, mas rejeitavam que ela estivesse subordinada ao âmbito do trabalho crítico. Esses formalistas admitiam que a obra literária era um apanhado de “artifícios”, que reunia som, imagens, ritmo, sintaxe etc., era um estoque de elementos literários que causavam “estranhamento” ou “desfamiliarização”. Ela era “um conjunto de desvios da norma ‘especial’ de linguagem, em contraste com a linguagem ‘comum’¹, que usamos habitualmente” (EAGLETON, 2006, p. 7). Nesse sentido, podemos compreender que a literatura, para esse grupo, era uma forma especial de linguagem que provocava um efeito diferenciador na produção ou na recepção dos discursos.

Esse efeito diferenciador é revelado por um “estranhamento” que depende do contexto, o que pode ser estranho em uma condição de produção pode não ser em outra. Conforme Eagleton (2006, p. 13), “alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários, e a outros tal condição é imposta”. Desse modo, a produção e como as pessoas consideram o texto definirão se ele é literário ou não. Portanto, pensar em como as pessoas se relacionam com o texto é mais relevante que o conjunto de qualidades que o tornam literário.

Outra perspectiva é “a literatura ser uma escrita altamente valorativa, de que ela não constitui uma entidade estável, resulta do fato de serem notoriamente variáveis o juízo de valor” (EAGLETON, 2006, p. 17). Assim, atribuir valor a um texto depende do caráter subjetivo² das pessoas envolvidas no processo de produção, seja a partir de situações, critérios ou objetivos específicos. Além de serem historicamente construídos, esses juízos de valor estão diretamente

¹ “A ideia de que existe uma única linguagem ‘normal’, uma espécie de moeda corrente usada igualmente por todos os membros da sociedade, é uma ilusão. Qualquer linguagem em uso consiste em uma variedade muito complexa de discursos, diferenciados segundo a classe, região, gênero, situação etc., os quais de forma alguma podem ser simplesmente unificados em uma única comunidade linguística homogênea. O que alguns consideram norma, para outros poderá significar desvio [...] (EAGLETON, 2006, p.7). Segundo este autor, para se considerar a linguagem comum é necessário observar o contexto social, histórico, pois o que pode ser comum em um dado momento e lugar não seria em outro espaço e tempo. Causar a “estranheza” em uma comunicação não significa que ela tenha sido, sempre, vista desta forma.

² Segundo Eagleton (2006, p. 19), não é a subjetividade que dificulta ou torna instável a definição de literatura.

Building the way

relacionados a ideologias sociais. São livres de gosto pessoal, constituem-se de conjecturas norteadas por grupos sociais que exercem e mantêm o poder sobre outros.

Pressupondo que a literatura comporta uma escrita valorativa e o juízo de valor está, geralmente, articulado com contexto ideológico-social, abriremos caminho para uma análise da função do texto literário, no campo das ciências. Embora ela pertença à área de domínio da criatividade imaginativa e da ficção, a literatura, quanto ao debate ecológico, na segunda metade do século XX, ganhou *status* de ciência, fundamentada na ecocrítica. Segundo Greg Garrard (2014, p. 13), a ecocrítica é o campo da ciência que estuda:

[...] a relação entre a literatura e o ambiente físico. Assim como a crítica feminista examina a língua e a literatura de um ponto de vista consciente dos gêneros, e a crítica marxista traz para sua interpretação dos textos uma consciência dos modos de produção e das classes econômicas, a ecocrítica adota uma abordagem dos estudos literários centrada na Terra (GLOTFELTY, 1996, p. xix, apud GARRARD, 2014, p. 14).

Os estudos ecocríticos surgiram no início da década de 1960, momento de efervescência do ambientalismo moderno inaugurado pelo texto “Uma fábula para o amanhã”, escrito por Rachel Carson (zoóloga e escritora) e publicado, como capítulo, no livro *Silent Spring* (1962) (GARRARD, 2006, p. 11). A autora elaborou um ambiente edênico compartilhado harmoniosamente entre humanidade e natureza. Esse estado de equilíbrio e paz redentora transitou, rapidamente, para a destruição e o caos. Por meio de um discurso “geoliterário”, Carson denunciou a depredação e o uso de venenos agressivos ao meio ambiente.

A inauguração do ambientalismo moderno, as afirmações científicas de Carson e a crescente atuação das Humanidades, em torno do debate ambientalista, impulsionaram a literatura a participar do *roll* de discussões científicas, sob o viés da ecocrítica e do seu projeto de análise cultural vinculado à “orientação ambientalista consolidada na filosofia e na teoria política” (GARRARD, 2006, p. 14).

Logo, a análise do livro *Desert Solitaire*, de Edward Abbey, considerado – junto com *Ceremony*, publicado em 1977 por Leslie Silko – um dos “textos canônicos da ecocrítica de primeira onda” (GIFFORD, 2019, p. 254), demonstra que as aproximações entre Geografia e Literatura vasculham o espaço e as paisagens do deserto de Moab, Utah, nos Estados Unidos. Constitui-se, assim, como fonte de interpretações geoliterárias.

Building the way**As paisagens desérticas de Moab, Utah – um olhar ecológico de Edward Abbey sobre o *wilderness***

No livro *Desert Solitaire* dividido em 18 capítulos, Edward Abbey descreveu a paisagem, solo, minérios, rios, qualidade da água, animais endêmicos, clima e o espaço sideral. As descrições, geralmente, relativas à preservação das paisagens, consistiam em advertência sobre a importância de se guardar a diversidade da vida e dos recursos naturais do deserto de Moab, Utah. Ainda, as proposições de caráter subjetivo foram desveladas de forma filosófica ao sublinhar o contato íntimo do autor com o espaço insondável do deserto.

A narrativa principia com a chegada de Abbey aos Arcos (Foto 1). Na primeira manhã, ele viveu um momento de sincera contemplação àquele lugar que ele considerou: “o lugar mais bonito da Terra”³. Ele nos apresentou o *wilderness*, conforme descrições minuciosamente tratadas com o propósito de desnudar o ambiente natural e a importância desse lugar para a “civilização”⁴.



Foto 1 - Delicate Arc, Arches National Park, Moab, Utah – USA

Fonte – <<https://fineartamerica.com>>. Acesso em: 23 de Abr./2019.

³ “[...] the most beautiful place on earth”.

⁴ Segundo Norbert Elias, em *O Processo Civilizador 1* o conceito de civilização está relacionado ao desenvolvimento científico, hábitos religiosos, costumes, consciência nacional etc. Para ele não é simples avaliar o que “civilizado” ou “incivilizado”, esse conceito vai depender de um olhar a partir de um ponto de vista social e histórico (ELIAS, 1990, p. 23).

Building the way

No início de seu relato autobiográfico, Edward Abbey apresenta os elementos mais atrativos do Parque – os arcos:

O que são os arcos? De onde estou em frente ao trailer, vejo vários dos cem ou mais deles que foram descobertos no parque. Esses são arcos naturais, buracos na rocha, janelas na pedra, não há dois iguais, tão variados na forma quanto na dimensão. Eles variam em tamanho de buracos grandes o suficiente para atravessar as grandes aberturas, o suficiente para conter a cúpula do edifício do Capitólio em Washington, DC. Alguns se parecem com alças ou arcobotantes, outros com pontes naturais, mas com essa distinção técnica: uma ponte natural cobre um curso de água – um arco natural não. Os arcos foram formados por centenas de milhares de anos pelo intemperismo das enormes paredes de arenito, ou barbatanas, nas quais são encontradas (ABBEY, s/d, p. 5-6).⁵

Com o olhar contemplativo, Abbey retratou a paisagem dos Arcos e, pelo encantamento que sentia, instigou a apreciação daquele espaço ornamentado por obras de arte esculpidas pela natureza. Conforme Santos, (1998, p. 21) paisagem é tudo o que a nossa visão alcança, e a sua completude encerra sons, cheiros, volumes, cores etc. A percepção imaginada de paisagem é elaborada a partir do cognitivo de cada pessoa, de sua instrução formal e informal e da apreensão do conhecimento pensado por cada um: “A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada; [...] Nossa tarefa é a de ultrapassar a paisagem como aspecto, para chegar ao seu significado” (SANTOS, 1998, p. 22).

As experiências prévias de Abbey influenciaram a sua percepção de paisagem: a apreensão das sensações provocadas pela vista do lugar, a representatividade, enquanto espaço das relações, o valor dos componentes do deserto e a relevância dele para a manutenção da vida. A emoção experienciada por Abbey, ao visualizar os Arcos, pela primeira vez, é de completo assombro pela maravilha do lugar: “De pé ali, boquiaberto com esse espetáculo monstruoso e desumano de rochas e nuvens, céu e espaço, sinto uma ganância e possessividade ridículas tomarem conta de mim” (ABBEY, s/d, p. 6)⁶. A linguagem literária provoca encantamento,

⁵ “What are the Arches? From my place in front of the housetrailer I can see several of the hundred or more of them which have been discovered in the park. These are natural arches, holes in the rock, windows in stone, no two alike, as varied in form as in dimension. They range in size from holes just big enough to walk through to openings large enough to contain the dome of the Capitol building in Washington, D.C. Some resemble jug handles or flying buttresses, others natural bridges but with this technical distinction: a natural bridge spans a watercourse - a natural arch does not. The arches were formed through hundreds of thousand of years by the weathering of the huge sandstone walls, or fins, in which they are found”.

⁶ “Standing there, gaping at this monstrous and inhuman spectacle of rock and cloud and sky and space, I feel a ridiculous greed and possessiveness come over me”.

Building the way

pois o espaço idílico é poeticamente retratado, a somar, há informações sobre geologia, geomorfologia e representações geográficas de um espaço da vida não humana e necessário para a manutenção da vida humana.

A natureza bela e pouco explorada não resistiria intacta por muito tempo. Um plano diretor de modernização do Parque executaria modificações estruturais para atender às exigências e necessidades de um público diferenciado, que buscava recreação ao ar livre sem renunciar ao conforto. A pavimentação das estradas iria até os arcos, hotéis e acomodações sofisticadas se ergueriam ali, em função do turismo. (Foto 2).



Foto 2 – Instalações do hotel Amangiri, localizado nas paisagens do deserto em Utah, Estados Unidos.

Fonte: < <http://www.guiaviajarmelhor.com.br/amangiri-o-incrivel-hotel-construido-no-meio-do-deserto-de-utah/>>. Acesso em: 02 de mai./2019.

Abbey defendia que esses tipos de construções e adaptações sofisticadas afetariam a vida do deserto e transfigurariam a paisagem: “(Poderia haver um testemunho mais genuíno de sua beleza e integridade?) Tudo isso deve mudar. [...] Horário nobre: o sol muito baixo no Oeste, os pássaros voltando à vida, as sombras rolando por quilômetros sobre rochas e areia até a base das montanhas brilhantes” (ABBEY, s/d, p. 52)⁷. Por outro lado, o turismo ecológico tinha respaldo nas concepções de Abbey, essa ideia é, inclusive, tecnicamente proposta por ele. Ele apresentou um projeto de uso responsável do deserto para fins recreativos, norteando como as

⁷ “(Could there be a more genuine testimonial to its beauty and integrity?) All this must change. Prime time: the sun very low in the west, the birds coming back to life, the shadows rolling for miles over rock and sand to the very base of brilliant mountains”.

Building the way

pessoas poderiam usufruir da natureza, compartilhando o mesmo espaço, com outras formas de vida, de maneira salutar.

Conforme Santos (1998, p. 22), o homem se apropriou dos lugares que povoou, adaptando-se ao meio ambiente, em um relacionamento constante e cumulativo, desenvolvendo técnicas e hábitos que lhe viabilizavam desfrutar dos recursos naturais existentes. As mudanças evolutivas da humanidade provocaram grandes transformações no mundo: “A modernização da agricultura, a dispersão industrial (sic) introduzem formas novas de organização espacial” (SANTOS, 1998, p. 22).

Apreciar o pôr do sol, admirar a revoada dos pássaros e a dança dos cervos, acender uma fogueira para sentir a fragrância do junípero representavam para Abbey o deleite que ele buscava longe do caos da vida urbana, uma espécie de “retorno à natureza”. Por consequência, essa realidade defrontava com as inquietações do autor quanto ao desenvolvimento predatório, à captação excessiva de recursos naturais e à mercantilização das paisagens pelo turismo.

Edward Abbey acreditava que as instalações que havia no Parque desfiguravam a paisagem e impediam as pessoas de experimentarem o ambiente bucólico e sentirem, realmente, o deserto. O avanço do “progresso” na região de Utah é uma herança cultural e social, com raízes na “marcha para o desenvolvimento do Oeste”⁸. O desenvolvimento do turismo e a busca por recreação ao ar livre estimularam as pessoas a procurarem a natureza para fins de lazer. Ir para o campo não significou renunciar ao conforto, o propósito era que o Parque tivesse acomodações modernas. Esse novo espaço produzido gerou, também, uma nova paisagem:

O *Arches National Monument* permanece nessa época o que o Serviço de Parques chama de área não desenvolvida, embora para mim ela pareça ter desenvolvido de forma bastante adequada. A estrada, ramificando-se, leva a uma curta distância da maioria dos principais arcos, a menos de duas milhas além do final de uma estrada. As estradas não são pavimentadas, é verdade, mas são facilmente transitáveis para qualquer automóvel, exceto durante ou imediatamente após uma tempestade. As trilhas são bem marcadas, fáceis de seguir; você teria que se esforçar para se perder. Há três pequenos acampamentos, cada um com mesas, lareiras, latas de lixo e sanitários (ABBEY, s/d, p. 10-11).⁹

⁸*Oeste americano*: quatro ensaios da história dos Estados Unidos da América, por Frederick Jackson Turner. (org.) Paulo Knauss. Niterói: EDUFF. 2004. p. 23-54.

⁹ “Arches National Monument remains at this time what the Park Service calls an undeveloped area, although to me it appears quite adequately developed. The road, branching out, lead to within easy walking distance of most of the principal arches, none more than two miles beyond the end of a road. The roads are not paved, true, but

Building the way

As instalações luxuosamente equipadas atraíam mais turistas e a pavimentação das estradas até os arcos incentivariam as pessoas a realizarem uma aventura motorizada no deserto (Foto 3). Inevitavelmente, o plano diretor foi executado e os arcos dividiram o cenário de espetáculo da natureza com os veículos motorizados variados, os hotéis e restaurantes, os estacionamentos sofisticados, as áreas de descanso etc. – um espaço produzido pelos caprichos da contemporaneidade.



Foto 3 – Courthouse Tower – Arches National Park, Moab, Utah – USA.

Fonte – <<https://fineartamerica.com>>. Acesso em: 23 de Abr./2019.

O autor adiantou o projeto inicial do plano diretor: a pavimentação das estradas e a construção de outra que chegasse até os arcos, “[e] quando a estrada seria construída? Ninguém sabia ao certo; talvez em alguns anos, dependendo de quando o Serviço de Parques conseguisse o dinheiro” (ABBEY, s/d, p. 53-54)¹⁰. A estrada foi construída gerando um novo lugar:

Enquanto escrevo estas palavras, vários anos depois do pequeno episódio do jipe cinza e dos engenheiros sedentos, tudo o que foi anunciado se concretizou. O *Arches National Monument* foi desenvolvido. O plano diretor foi cumprido. Onde algumas pessoas aventureiras vinham nos finais de semana para acampar por uma ou duas noites e saborear o primitivo e o remoto, agora você vai encontrar fluxos de

are easily passable to any automobile except during or immediately after a rainstorm. The trails are well marked, easy to follow; you'd have to make an effort to get lost. There are three small campgrounds, each with tables, fireplaces, garbage cans and pit toilets”.

¹⁰ “And when would the road be built? Nobody knew for sure; perhaps in a couple of years, depending on when the Park Service would be able to get the Money”.

Building the way

automóveis exuberantes entrando e saindo, tudo na primavera e no verão, em números que pareceram fantásticos quando trabalhei lá: de 3.000 a 30.000 a 300.000 por ano, a ‘visitação’, como todas elas, tendem sempre a aumentar (ABBEY, s/d, 54-55)¹¹.

Os espaços do deserto foram adaptados aos interesses do turismo industrial e o que Abbey viu na primeira manhã no Parque – o nascer do sol por trás das *hodoos*, os arcos e a linha do horizonte esfumada por uma leve nuvem vermelha de poeira – dividiu espaço com as tecnologias modernas. Antes do plano diretor e da modernização dos Arcos tudo era calma e harmonia: “a imensa quietude me abraça e me envolve; eu posso ver as estrelas novamente e a imensidão da luz das estrelas. Eu estou a vinte milhas ou mais do companheiro humano mais próximo, mas em vez de solidão eu sinto encanto. Encanto e uma exultação silenciosa” (ABBEY, s/d, p. 16)¹².

As inovações do Parque atenderam aos caprichos de um novo perfil de turista, que imaginava o lugar como uma estação de férias. Esses novos “excursionistas” visitavam o *wilderness* em gigantescos ônibus com TV LED, reuniam-se em torno de briquetes de carvão, não mais de fogueira, a área de convivência e *camping* demasiadamente iluminados lembravam um bairro suburbano:

[...] trailers sofisticados de casas de alumínio acolchoado em gigantescos caminhões de campismo feitos de fibra de vidro e plástico moldado; através de suas janelas, você verá o brilho azul da televisão e ouvirá o riso do estúdio de Los Angeles; idosos com joelhos nodosos em bermudas xadrez zumbem para cima e para baixo curiosamente, na estrada de asfalto, sobre motocicletas [...] (ABBEY, s/d, p. 55)¹³.

O *camping* se transformou em uma cidadela com um fluxo de pessoas transitando em seus motorizados, ônibus, caminhões e trailers. Uma nova paisagem foi produzida pela comercialização da natureza. A estrada construída ligava a rodovia direto ao centro de visitação

¹¹ “As I type these words, several years after the little episode of the gray jeep and the thirsty engineers, all that was foretold has come to pass. Arches National Monument has been developed. The Master Plan has been fulfilled. Where a few adventurous people came on weekends to camp for a night or two and enjoy a taste of the primitive and remote, you will now find serpentine streams of baroque automobiles pouring in and out, all though the spring and summer, in numbers that would have seemed fantastic when I worked there: from 3,000 to 30,000 to 300,000 per year, the “visitation”, as they all it, mounts eer upward”.

¹² “[...] the mighty stillness embraces and includes me; I can see the stars again and the world of starlight. I am twenty miles or more from the nearest fellow human, but instead of loneliness I feel loveliness. Loveliness and a quiet exultation”.

¹³ “[...] elaborate house trailers of quilted aluminum crowd upon gigantic camper-trucks of Fiberglass and molded plastic; through their windows you will see the blue glow of television and hear the studio laughter of Los Angeles; knobby-kneed oldsters in plaid Bermudas buzz up and down the quaintly curving asphalt road on motorbikes”.

Building the way

supervisionado por guardas-florestais designados a responder quinhentas vezes por dia as mesmas perguntas: “(1) Onde é o banheiro? (2) Quanto tempo demora para ver este lugar? (3) Onde está a máquina de Coca-Cola?” (ABBEY, s/d, p. 55)¹⁴.

Na introdução de *Desert Solitaire*, Abbey anunciou que tentou criar um mundo de palavras no qual o deserto fosse mais suficiente que material: “Não imitação, mas evocação foi o objetivo” (ABBEY, s/d, p. x)¹⁵. A evocação pode ser entendida como um resgate ao que o Parque fora. É possível dizer que ele sugeriu que o leitor se juntasse à luta pela recuperação da natureza perdida, considerando a sugestão dele sobre o que fazer com *Desert Solitaire*: “Você está segurando uma lápide em suas mãos. Uma rocha sangrenta. Não a deixe sobre o seu pé – atire-a em algo grande e vítreo” (ABBEY, s/d, p. xii)¹⁶.

Novas fronteiras do capital e as apropriações do deserto de Moab, Utah

Nos Estados Unidos, a história do ambiente apresenta a exploração cultural e tradicional do capital predatório e negligente (SCHAMA, 1996, p. 23). A relação humana com a natureza é um assunto que ganhou projeção, a partir da segunda metade do século XX, entre os ambientalistas modernos e os grupos de ativistas, como o *Earth First* (1979). O progresso econômico estadunidense pode ser analisado assente na marcha para o desenvolvimento do Oeste (TURNER, 2004, p. 23). A exploração de áreas livres é um traço da cultura econômica estadunidense e o deserto de Moab, Utah, é visto como um espaço promissor para investimentos em turismo industrial, mineração e agronegócio.

A inquietação de Abbey ao professar seu projeto de preservação dos Parques Nacionais e o seu ativismo, considerado por muitos como radical, encontraram consistência na defesa da natureza como fonte da vida. Mas, a exploração recente do *wilderness* talvez tornasse esse autor mais radical do que fora. April Reese, no artigo “Cientistas processam para proteger o monumento de Utah e fósseis que poderiam reescrever a história da Terra”¹⁷, publicado na revista *Science*, em 17.01.2019, declarou que a região de Utah abriga fósseis de mais de 300 milhões de anos.

¹⁴ “ (1) Where's the john? (2) How long's it take to see this place? (3) Where's the Coke machine? ”

¹⁵ “Not imitation but evocation has been the goal”.

¹⁶ “You're holding a tombstone in your hands. A bloody rock. Don't drop it on your foot - throw it at something big and glassy”.

¹⁷ *Scientists sue to protect Utah monument—and fossils that could rewrite Earth's history.*

Building the way

O paleontologista Adam Huttenlocker, da Universidade do Sul da Califórnia, em Los Angeles, analisou um relevo de arenito e descobriu um fragmento de pálpebras, possivelmente de sinapsídeo, do grupo de répteis que deu origem aos mamíferos – que viveram na região há mais de 300 milhões de anos. A descoberta de fósseis raros, no *Bears Ears National Monument*, motivou o ex-presidente Barac Obama a designar a área como monumento nacional, dois anos antes de deixar o governo dos Estados Unidos.

Em dezembro de 2017, o presidente Donald Trump reduziu a área do monumento e autorizou a prática do pastoreio e a mineração no local, além de liberar a prática de esportes radicais motorizados:

Agora, esses fósseis e o influxo de fundos especiais destinados à pesquisa estão sob ameaça. Em dezembro de 2017, pressionado por autoridades de Utah, o presidente Donald Trump reduziu o tamanho do monumento de 547 mil hectares em 85%, deixando apenas 82 mil hectares divididos em duas unidades separadas. Desde que a ordem de Trump entrou em vigor, em fevereiro de 2018, as terras extirpadas, que abrigam milhares de artefatos e sítios dos índios americanos – e possivelmente o maior número de fósseis do mundo do período Triássico, de 250 milhões a 200 milhões de anos atrás – estão novamente abertas à mineração, ao pastoreio expandido e a corridas de *cross country* e trilha em veículos *off-road* (REESE, 2019, p. 1)¹⁸.

A extração de minérios, o agronegócio e o esporte motorizado poderão destruir a reserva ambiental, bem como os sítios paleontológicos da região. Uma comissão de paleontólogos de Bethesda, em Maryland, arqueólogos, ambientalistas e cinco tribos nativas americanas processarão a administração de Trump pela redução da área de proteção ambiental e pela autorização de atividades lucrativas. Caso vençam na justiça proibindo a exploração do Parque, outros 158 monumentos estarão salvaguardados, caso contrário: “se perder, os futuros presidentes poderão ganhar novos poderes para reduzi-los” (REESE, 2019)¹⁹.

Proteger o *Bears Ears National Monument* é proteger a ciência e uma parte da história do mundo. Segundo David Polly, ex-presidente da *Society of Vertebrate Paleontology* (SVP), a abertura do Parque para fins econômicos será uma perda potencial para a ciência e para a sociedade. Conforme o pesquisador, os fósseis do Parque explicam grandes eventos que

¹⁸ “Now, those fossils, and the influx of special research funding that came with the designation, are under threat. In December 2017, urged on by Utah officials, President Donald Trump slashed the size of the 547,000-hectare monument by 85%, leaving just 82,000 hectares split into two separate units. Since Trump's order took effect in February 2018, the excised lands, which hold thousands of Native American artifacts and sites—and possibly the world's densest cache of fossils from the Triassic period, roughly 250 million to 200 million years ago—are open again to mining, expanded grazing, and cross-country trekking by off-road vehicles”.

¹⁹ “[...] if it loses, future presidents could gain new powers to downsize them”.

Building the way

refizeram o mundo: “da evolução do início da vida terrestre há 340 milhões de anos até a mudança no clima no final da última era glacial que inaugurou a era da civilização humana” (REESE, 2019)²⁰. Polly afirma, ainda, que os paleontólogos descobriram, no *Grand Staircase Escarlata National Monument*, um tesouro fóssil, o melhor registro do período Cretáceo Superior já encontrado:

Em 10 anos, pesquisadores descobriram fósseis de 25 espécies novas para a ciência e documentaram a ascensão de plantas com flores, insetos e ancestrais de mamíferos entre 145 milhões e 66 milhões de anos atrás. “Foi essencialmente a origem dos ecossistemas modernos que acontecem no período Cretáceo antes da extinção dos dinossauros” (REESE, 2019, p. 1)²¹.

A descoberta desses fósseis amplia o debate sobre a preservação dos parques nacionais e fortalece a causa defendida pelo ativismo ambiental. A exploração destrutiva dos monumentos ameaça a completude dos estudos sobre a existência da vida na Terra. Rob Gay, paleontólogo e diretor da *Colorado Canyons Association*, em Grand Junction, considera o deserto em Utah “uma paisagem de histórias” e explica que sem proteção, o conhecimento sobre o planeta será diminuído para sempre. Fósseis de dinossauros, fitossauros, mais de 250 trilhas de dinossauros e arte rupestre antiga, no Shay Canyon, poderão ser apagadas pela apropriação desses monumentos, principalmente, para extração de urânio. Recuperar o *status* de monumento implica preservar o *wilderness* e a compreensão sobre os ecossistemas antigos e da sua evolução. Sem proteção, os monumentos podem, inclusive, ser saqueados e os fósseis serem vendidos, clandestinamente, para outros fins. O processo contra a extirpação das áreas dos parques tramita nos tribunais, e os cientistas se apressam em terminar as pesquisas, previamente iniciadas, e patrulham os sítios fora da área demarcada contra os saqueados. Comunidade científica, sociedade organizada, ativistas e nativos dos parques anseiam que pese a consciência ecológica na balança da justiça estadunidense, preservando os patrimônios naturais como as paisagens desérticas de Utah.

²⁰ “[...] from the evolution of early life on land 340 million years ago to the shift in climate at the end of the last ice age that ushered in the era of human civilization”.

²¹ “Within 10 years, researchers had discovered fossils from 25 taxa new to science and documented the rise of flowering plants, insects, and the ancestors of mammals between 145 million and 66 million years ago. ‘It was essentially the origin of modern ecosystems happening in the Cretaceous before the extinction of the dinosaurs’”.

Considerações Finais

Este estudo, ao propor o diálogo entre a Geografia e a Literatura, proporcionou conhecer um pouco mais da teoria literária, como a literatura se relaciona com as demais áreas do conhecimento e como a geografia importa para a tessitura das histórias, pois o espaço é o meio pelo qual as coisas acontecem (BRANDÃO, 2013).

Por meio do olhar ecológico de Edward Abbey e a teoria ecocrítica compreendemos como a literatura pode contribuir com o debate e as ações no campo dos movimentos sociais ambientalistas em defesa da preservação do meio ambiente. Além disso, as descrições das paisagens naturais e as problematizações das formas de apropriação capitalista dos recursos do deserto de Moab, Utah, alertam para os riscos do modelo econômico predatório baseado em atividades industriais e turismo.

Foi possível, ainda, fazer uma leitura atualizada sobre as condições do espaço retratado por Abbey na década de 1960, que hoje enfrenta mais um desafio: resistir ao avanço das novas fronteiras do capital mediante atividades como a mineração. Finalmente, com o apoio de interpretações geoliterárias do livro *Desert Solitaire* esperamos contribuir com o debate e as pesquisas que aproximam as narrativas literárias das leituras geográficas do espaço.

REFERÊNCIAS

ABBEY, Edward. **Desert Solitaire**: a Season in the Wilderness. New York: Ballantine Book, s/d.

BRANDÃO, Luis Alberto. **Teoria do espaço literário**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos. **Geograficidade**, Rio de Janeiro/RJ, v.5, n.1, 2015.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: uma introdução. Tradução Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Trad. Ruy Jungmann. (versão Kindle). Rio de Janeiro: Zahar, 1990, v 1.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Tradução de Vera Ribeiro. Brasília: Editora UNB, 2006.

GIFFORD, Terry. A ecocrítica na mira da crítica atual. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, N. 20, pp. 244-261, janeiro/julho 2009

MARANDOLA JR., E; GRATÃO, L. H. B. “Geograficidade, poética e imaginação”. In: **Geografia e Literatura**: Ensaio sobre geograficidade, poética e imaginação. Org. Eduardo Marandola Jr. e Lúcia Helena Batista Gratão. Londrina: Eduel, 2010.

REESE, April. **Scientists sue to protect Utah monument—and fossils that could rewrite Earth’s history**. Disponível em: < <https://www.sciencemag.org/news/2019/01/scientists-sue-protect-utah-monument-and-fossils-could-rewrite-earth-s-history> > Acesso em 19.01.2019.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teórico e metodológico da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

SCHAMA, Simon. **Memória e paisagem**. Tradução de Hildegard Feist, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TURNER, Frederick Jackson. O significado da fronteira na história Americana. In: KNAUSS, Paulo (Org.). **Oeste americano**; quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América. Niterói: EDUFF, 2004. p. 23-54.